

A mediação social de conflitos com crianças da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental: o relato de experiência da Escola Classe 22 do Gama

The social mediation of conflicts with children from Kindergarten to the 5th year of Elementary School: the experience report of the Escola Classe 22 do Gama

 Ana Cláudia Costa Medeiros *
Saul Silva dos Santos Júnior **

Recebido em: 22 jul. 2021
Aprovado em: 6 maio 2021

Resumo: Este artigo relata a experiência do desenvolvimento do projeto *Mediação de Conflito: do Diálogo a Cidadania* na Escola Classe 22 do Gama e seus resultados. O ingresso na escola é um marco na vida das crianças, de suas famílias e pode ser caracterizado como um período de adaptação que gera expectativas, medos, angústias e muitos conflitos. A criança que antes convivia apenas com a rotina, as regras e limites impostos por seu núcleo familiar, adentra no ambiente escolar, com regras e normas de comportamento que lhes são próprios e que necessitam ser seguidas. Destas interações, surgem conflitos que são naturais neste processo e que necessitam ser vistos. O projeto surgiu a partir de uma formação promovida pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE) e da análise da realidade escolar a fim de se verificar quais eram os principais conflitos e violências que se manifestavam dentro da Escola Classe 22 e como eram tratados pelos diversos segmentos. O processo de estudo e análise da realidade demonstraram que a falta de uma metodologia comum de resolução de conflitos gerava uma convivência escolar aparentemente pacífica, porém estabelecida pelo medo da punição e não pela transformação do comportamento de forma dialógica e reflexiva, o que ocasionava na reincidência dos comportamentos tidos como inadequados. O projeto começou em uma turma de 4º Ano, foi implementado para toda a escola e atualmente se transformou em “missão” no Projeto Político Pedagógico. O trabalho também relata o processo de adaptação da metodologia para crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e os desafios que ainda precisam ser superados.

Palavras-chave: Conflito. Mediação Social. Violência.

Abstract: This article reports the experience of how the Conflict Mediation project: From Dialogue to Citizenship was developed at Escola Classe 22 do Gama and its practical results. Entering school is a milestone in the lives of children and their families and can be characterized as a period of adaptation that generates expectations, fears, anxieties and many conflicts. The child who used to live only with the routine, the rules and limits imposed by his family, enters the school environment, with rules and norms of behavior that are his own and the ones that need to be followed. From these interactions arise conflicts that are natural in this process and that need to be seen. The project emerged from a training promoted by EAPE and from the analysis of the school reality in order to verify which were the main conflicts and violences that manifested within the Escola Classe 22 and how they were treated by the different segments. This process demonstrated that the lack of a common methodology for conflict resolution generated an apparently peaceful school coexistence, but established by the fear of punishment and not by the transformation of behavior. The project that initially started in a 4th grade class, after the positive results, was implemented for the entire school and currently has become a “mission” in the Pedagogical Political Project. The article also reports the process of adapting the methodology for children from the 1st to the 5th year of Elementary School and the challenges that still need to be overcome.

Keywords: Conflict. Violence. Social Mediation.

* Ana Cláudia Costa Medeiros é formada em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Albert Einstein e em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília. Mestranda pela Universidad Europea del Atlantico (UniAtlantico) da Espanha. Contato: anaec22@gmail.com

** Saul Silva dos Santos Júnior é licenciado em História pela Centro Universitário Leonardo da Vinci. Mestrando em Educação pela Universidad Europea del Atlantico (UniAtlantico) da Espanha.

A mediação social de conflitos

Nos últimos anos, a mediação tem sido objeto de pesquisas e colocada como uma alternativa eficiente para a resolução dos conflitos e superação das violências no âmbito educacional. Existem diferentes correntes teóricas e metodologias em mediação de conflitos. No entanto, acreditamos na mediação não apenas como uma metodologia para se chegar aos acordos rápidos e temporários, mas como uma filosofia de vida e de transformação das relações e dos laços sociais. Sendo assim, adotamos o conceito de mediação social francês que conhecemos a partir dos estudos de Beleza (2015) em que a mediação pode ser definida como:

Processo de criação e reparação do laço social e de regulação dos conflitos da vida cotidiana na qual um terceiro, imparcial e independente, tenta, através da organização de trocas entre as pessoas ou as instituições, ajudá-las a melhorar uma relação ou a regular um conflito que as opõe (FRANÇA, 2002).

Para quem não conhece a perspectiva da mediação, o conflito é visto como negativo, indesejável e algo que precisa ser evitado. No entanto, a mediação entende o conflito como inerente às relações humanas, à vida em sociedade e que quando bem conduzida é capaz de gerar mudanças profundas tanto a nível individual quanto coletivo. Nunes afirma que:

Desde a sua origem, o homem tem vivido pequenos, médios e grandes conflitos e eles são necessários ao aprimoramento das relações interpessoais e sociais. A simples convivência humana implica a pluralidade de interesses, necessidades e vontades, significando uma potencialidade constante para os conflitos. Por isso, quando eles surgirem, se forem gerenciados com eficiência, poderão levar à restauração das relações e à colaboração; ao contrário, poderão levar ao desajuste nas relações interpessoais e até mesmo à violência. (NUNES, 2011, p. 15)

Sabemos que o ingresso na escola é um marco na vida das crianças, de suas famílias e pode ser caracterizado como um período de adaptação que gera expectativas, medos, angústias e muitos conflitos. A criança que convivia apenas com a rotina, as regras e limites impostos por seu núcleo familiar, adentra no ambiente escolar, com regras e normas de comportamento que lhes são próprios e que necessitam ser seguidas.

Destas interações surgem conflitos que são naturais neste processo e que necessitam ser vistos, entendidos e mediados por pais e educadores de maneira sensível e acolhedora, entendendo e respeitando os limites e responsabilidades no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social desta criança que ainda está em processo de formação de sua personalidade e ainda não desenvolveu

habilidades socioemocionais para gerenciar suas emoções e sentimentos.

É uma ilusão acreditar que se possa fazer desaparecer a agressividade e, como consequência a agressão e o conflito [...], isso significa que o problema não é fazer desaparecer da escola a agressividade e o conflito, mas regulá-los pela palavra, e não pela violência. (CHARLOT, 2005, p. 128).

Sendo assim, nosso papel enquanto mediadores é evitar que o conflito se torne uma violência. Para isso, precisamos enxergá-lo com as lentes especiais propostas por Lederach (2012). São lentes trifocais onde com a primeira somos capazes de ver a situação imediata, com a segunda vemos além dos problemas preeminentes direcionando nosso olhar aos padrões mais profundos de relacionamento e a terceira composta por uma estrutura conceitual que nos permite ligar os problemas imediatos com os padrões de relacionamento subjacentes. Assim, poderemos observar e compreender o conflito de forma geral e tratar não somente o comportamento imediato, mas o que o estrutura e fundamenta.

O mediador possui um papel fundamental no ambiente educacional, visto que por meio da sua atuação, os relacionamentos são vistos em sua complexidade e sua prática possibilita que as partes envolvidas em um conflito tomem decisões em conjunto promovendo relações sociais baseadas no respeito. Ele também precisa ser capaz de realizar a escuta ativa, sensível e livre de julgamentos, sendo este um dos princípios fundamentais a ser desenvolvido na função mediadora. Para René Barbier (2002) a escuta sensível pode ser entendida como a capacidade de escutar/ver embasada nos princípios da empatia, da sensibilidade para captar não apenas o que foi dito, mas também a compreensão das atitudes, comportamentos, ideias e valores, tentando compreender o outro em sua totalidade.

Um outro princípio muito importante da mediação é a imparcialidade. O mediador precisa ser imparcial ao colaborar com as partes envolvidas para que elas elaborem suas próprias soluções para a situação conflituosa apresentada.

É preciso destacar que, estar neutro durante a mediação, não é possível para o mediador, uma vez que se envolverá como sujeito com suas crenças, valores e individualidade. No entanto, necessita ser imparcial na forma como conduzirá as falas durante o processo de mediação, isto porque seu objetivo é levar as partes em conflito a refletirem e encontrarem suas próprias soluções.

O que se pode esperar do mediador é que aprenda a ter consciência de suas reações, de seus envolvimentos, e utilize suas percepções de forma ética a serviço da participação mútua das partes: ou seja, que ele, apesar de sua incapacidade de manter-se neutro, consiga agir com imparcialidade [...]. (MUSZKAT, 2008, p 56- 57)

Sendo assim, a postura ética do mediador é um dos itens fundamentais para que os envolvidos dentro do processo possam se sentir acolhidos, ouvidos e, por fim, respeitados dentro do processo mediador. No entanto, para que isso aconteça é imprescindível que os professores recebam seja na graduação, na pós-graduação ou em formações complementares disciplina ou curso em mediação de conflitos.

É importante destacar que na escola não necessariamente o professor precisa ser o mediador em todas as situações de conflitos, inclusive no projeto *Mediação de Conflitos: do Diálogo à Cidadania* os estudantes recebem formação para atuarem como mediadores.

Contudo, as experiências em contexto escolar, nos mostram que para instituir uma cultura de paz na escola baseada nos princípios da mediação é necessário uma formação que contemple toda a equipe escolar incluindo professores, direção, apoio pedagógico, coordenação, servidores (secretários, supervisores, monitores, educadores sociais, merendeiros, equipes da limpeza, porteiros) e pais/responsáveis.

Mediação de conflitos: do diálogo à cidadania

O projeto *Mediação de Conflitos: do Diálogo à Cidadania* teve início na Escola Classe 22 do Gama no ano de 2010, após a orientadora educacional da unidade escolar, Ana Cláudia, participar de uma formação em Mediação de Conflitos promovido pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (EAPE- SEEDF). Durante a formação, foi apresentada a experiência do projeto *Estudar em Paz* no Centro Educacional São Francisco - DF.

Após a formação e empolgadas em levar a proposta da mediação para suas escolas, um grupo de cinco orientadoras educacionais da Coordenação Regional de Ensino (CRE) do Gama resolveram escolher pelo menos uma turma em suas escolas para aplicação conjunta da metodologia aprendida.

Neste grupo, apenas duas orientadoras atendiam escolas com estudantes da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental e um dos primeiros desafios a serem superados foi a adaptação da metodologia para este público, já que à época não havia nenhuma experiência em mediação para esta faixa etária.

A orientadora educacional da Escola Classe 22 escolheu uma turma de 4º Ano para iniciar as ações. A escolha da turma se deu por considerarmos que os estudantes na faixa etária de nove anos já teriam a maturidade para compreender os conceitos da mediação e por ser uma turma com diversas queixas da professora e direção sobre problemas como indisciplina, falta de respeito, *bullying*, agressões físicas e questões emocionais. A

professora afirmava estar esgotada constantemente e que passava mais tempo administrando a disciplina do que efetivamente ensinando.

Foram realizados nesta turma cinco encontros nos quais foram trabalhados os conceitos de paz, conflitos, violência, mediação, empatia e os estudantes tiveram a oportunidade de falar e refletir sobre seus sentimentos e ações na escola. Os encontros aconteciam uma vez por semana e aos poucos tanto a professora, quanto a direção e outros professores perceberam mudanças no comportamento dos estudantes que estavam mais calmos, centrados e colaborativos.

A professora da turma empolgada com os resultados das ações começou a divulgá-los na sala dos professores e logo vários deles estavam solicitando que o trabalho também fosse desenvolvido em suas salas de aula. Surgindo assim, a necessidade da elaboração de um projeto que atendesse da Educação Infantil ao 5º Ano do Ensino Fundamental.

Estudo do currículo e adaptação do conteúdo em mediação de conflitos

Para que a expansão do projeto se desse para outras turmas, fez-se necessário sistematizar os encontros em um projeto, compreender como se manifestavam os conflitos e violências na instituição educacional e iniciar o processo de adaptação da metodologia em mediação de conflitos.

Como primeiro passo para a implementação do projeto foi realizada uma análise da realidade escolar por meio de entrevistas e da leitura dos registros em atas, da direção e do Serviço de Orientação Educacional, a fim de se verificar quais eram os principais conflitos e violências que se manifestavam dentro da Escola Classe 22 e como eram tratados pelos diversos segmentos da escola.

A análise documental demonstrou um excesso de encaminhamentos à Direção e ao Serviço de Orientação Educacional de estudantes que agrediam ou que demonstravam comportamentos considerados indisciplinados. Percebeu-se também tanto pela direção quanto pela equipe docente, a aplicação de sanções que buscavam a restrição de direitos como forma de punir os estudantes e essas punições eram dadas de formas variáveis e subjetivas, onde o que prevalecia era o poder do professor sobre os estudantes, sem dar-lhes o direito de serem realmente escutados.

Todo esse processo de estudo e análise da realidade demonstraram que a falta de uma metodologia comum de resolução de conflitos gerava uma convivência escolar aparentemente pacífica, porém estabelecida pelo medo da punição e não pela transformação do comportamento de forma dialógica e reflexiva, o que ocasionava na reincidência dos comportamentos tidos como inadequados.

Tabela 1.

Tabela 1 - Síntese dos Principais Conflitos e Formas de Intervenção		
Educação Infantil e 1º Ano		
Principais Conflitos	Objetivo	Sugestões de Atividades
Dificuldades em lidar e expressar os sentimentos.	Levar os estudantes a compreenderem e expressarem os seus sentimentos, emoções e atitudes.	· roda de conversa sobre os sentimentos;
		· leituras de livros sobre os sentimentos;
		· emocionômetro;
		· emojis para expressão de sentimentos;
2º e 3º Anos		
Registros de brigas e desentendimentos entre os estudantes pela maneira de falarem e se expressarem diante das situações de conflitos muitas vezes apelando para xingamentos e agressões verbais e/ou físicas.	Compreender a necessidade de saber escutar, saber falar e saber agir em uma situação de conflito evitando que o conflito se torne uma violência.	· atividades e jogos cooperativos e que estimulem a empatia;
		· simulações sobre os principais conflitos que acontecem em sala de aula e qual a melhor maneira de transformá-los;
		· exercícios sobre falha na comunicação e como se expressar sem agressividade;
		· noções de Comunicação Não-Violenta.
4º e 5º Anos		
<i>Bullying</i> e agressões verbais.	Melhorar o relacionamento e a empatia entre os estudantes. Levá-los a compreender e respeitar as diferenças. Capacitá-los para atuarem como mediadores em situações de conflito durante o recreio e a realizar mediações coletivas nas salas de aula dos estudantes menores.	· pesquisa na escola e em casa sobre os principais conflitos e violências que observam;
		· identificação da violência estrutural, cultural e direta;
		· simulações de mediações coletivas e entre pares;
		· simulações de mediações no recreio;
		· realização de campanhas educativas e mediações coletivas em diversas turmas;
		· realização de oficinas e multiplicação do projeto com os estudantes menores.

Fonte: autores.

Não se pretende aqui culpabilizar os professores e equipes diretivas. Eles faziam o que achavam que era correto e o que aparentemente trazia resultados, mesmo que temporariamente. No entanto, havia pouco espaço para a reflexão e transformação comportamental. Além disso, os profissionais das escolas relataram não terem recebido em sua formação acadêmica disciplina ou conteúdo que os ajudassem a lidar com os conflitos e violências no âmbito educacional ou fora dele.

O segundo passo antes da implementação do projeto foi o estudo do currículo escolar da Secretaria de Educação do Distrito Federal e dos Parâmetros Curriculares Transversais do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

A realização deste estudo teve por objetivo demonstrar que os conteúdos da mediação já estavam previstos como trabalho a ser desenvolvido no âmbito escolar e que a mediação perpassa todo o currículo com nomes como cultura de paz, diversidade, valores, direitos humanos, convivência e outros.

Este processo foi essencial para quebrar a resistência dos professores e equipe gestora durante a apresentação do projeto, uma vez que não se tratava de mais uma atribuição para os professores e sim algo que já estava previsto, porém não estava sistematizado.

O terceiro passo para a implementação do projeto foi adaptar a metodologia da mediação de conflitos integrada ao currículo escolar e com ações lúdicas, de fácil entendimento, adequadas à faixa etária dos estudantes e capazes de torná-los protagonistas de todo o processo, para que pudessem atuar como mediadores em situações de conflito no âmbito escolar.

Para este processo as orientadoras Ana Cláudia (EC 22) e Yara Pereira (EC 09) começaram uma pesquisa e

seleção de livros infantis, vídeos, dinâmicas, jogos e brincadeiras relacionados com os temas convivência, conflitos, violências, valores, amizade, diversidade e outros.

Não se pretende neste artigo detalhar minuciosamente todos os conteúdos adaptados para a mediação, no entanto, faremos uma breve síntese na Tabela 1 dos principais conflitos e ações norteadas para os estudantes do 1º ao 5º Ano a partir da realidade da Escola Classe 22 do Gama e que pode ser utilizado como parâmetro para quem quiser implementar ações em mediação em suas escolas (Tabela 1).

Os impactos e a avaliação do projeto pelos professores, estudantes e pais

Apesar dos estudos e testes para a implementação do projeto terem se iniciado em 2010, o projeto só começou a ter visibilidade dentro e fora da escola em meados de 2013 com o apoio do Projeto Estudar em Paz que se interessou em conhecer como estávamos adaptando a mediação para os estudantes menores e nos auxiliou oferecendo formação em mediação ao corpo docente.

Em todos estes anos de projeto, observamos vários impactos da mediação de conflitos na escola como a diminuição no número de encaminhamentos de estudantes à Direção da Escola e ao Serviço de Orientação Educacional por questões como agressões físicas, *bullying*, xingamentos e atitudes preconceituosas. Durante os anos em que o projeto estava acontecendo de maneira efetiva conseguimos zerar o índice de agressão física na instituição de ensino.

Os profissionais da escola, os pais e os estudantes avaliam muito bem o projeto. Todos os anos são

realizadas adaptações e adequações após escuta sensível dos professores e estudantes. No projeto, os estudantes do 5º ano realizam mediações coletivas em outras turmas e mediam os conflitos durante o recreio. Várias crianças relatam o sonho de chegarem ao 5º ano para serem mediadoras.

Observamos também nos estudantes mediadores há melhora na autoestima, desenvolvimento da capacidade crítica, aprendem a questionar com respeito e a tentar buscar soluções em conjunto para os conflitos e problemas da escola, estimulando assim a participação e o protagonismo infantil. Vários estudantes classificados como indisciplinados ao se tornarem mediadores melhoram a relação com os colegas e o comportamento na escola e em casa.

O projeto Mediação de Conflitos: do Diálogo à Cidadania também foi selecionado como experiência exitosa nas séries iniciais do Distrito Federal em duas edições do Programa Missão Pedagógica da Câmara dos Deputados tendo recebido professores de diversos Estados do Brasil interessados em levar a experiência para suas escolas e recebeu a visita da Promotora de Justiça do Estado da Paraíba que esteve pessoalmente na escola para conhecer o projeto.

Em 2019, a Escola Classe 22 do Gama colocou a mediação como missão da instituição de ensino e que quer ser reconhecida pelas demais instituições como uma escola mediadora. Assim, a mediação deixa de ser um projeto dentro da escola para se tornar um eixo norteador de todas as ações.

Desafios a serem superados

O projeto de mediação de conflitos da Escola Classe 22 do Gama é objeto de estudo de várias pesquisas em instituições públicas e privadas. É bem fundamentado e integrado ao Projeto Político Pedagógico da Escola, porém ainda temos grandes desafios a serem superados para implantação de uma cultura mediadora na escola, sendo um dos principais a necessidade de formação contínua dos professores da Instituição Escolar.

A Escola Classe 22 recebe todos os anos uma quantidade significativa de professores de contrato temporário que não participaram de nenhuma formação na área de mediação. Esses professores que, ainda não entendem o projeto e a forma como se lida com os conflitos de maneira não apenas punitiva, aliado a um pequeno grupo de professores efetivos que ainda resistem a essa maneira de educar, trazem a necessidade de se estar sempre recomeçando as discussões e formações no âmbito escolar.

Implantar uma cultura mediadora na escola requer que todos os seus profissionais recebam a formação. Levando-se em consideração que como educadores o que mais fazemos no dia a dia é mediar conflitos, defendemos e afirmamos a necessidade da mediação como conteúdo obrigatório nos cursos de graduação, especialização e de formação de professores.

A fim de sanar esta dificuldade, o Serviço de Orientação Educacional da EC 22 tem buscado parcerias com a Universidade de Brasília, com a EAPE e com a Universidade Católica de Brasília, a fim de se conseguir uma formação dentro da escola para todos os seus profissionais. No entanto, ainda não foi possível fazer essa formação por dificuldades de logística e falta de disponibilidade dos formadores.

Um outro desafio a ser superado é que a orientadora educacional da escola deixe de ser a única referência em mediação de conflitos na instituição. Com as formações, acreditamos que a equipe gestora e docentes comecem a ter mais segurança para atuar como mediadora nas situações de conflitos, principalmente naqueles relativos a professor/ professor, professor/pais e professor/direção.

Além disso, é necessário que os professores se apropriem dos conteúdos e metodologia da mediação para que possam participar efetivamente do processo de formação dos estudantes, acompanhamento e integração com os demais projetos e ações da escola.

Para a superação destes desafios sugerimos que a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal realize e/ou promova:

- formação em Mediação de Conflitos obrigatória nos cursos de Graduação e de Formação Contínua;
- núcleos de Formação em Mediação de Conflitos em todas as Coordenações de Ensino do Distrito Federal;
- capacitação na área a todos os professores recém contratados;
- pontuação maior aos professores do contrato temporário e efetivos com formação em Mediação.

Esperamos que este relato de experiência e sugestões consigam gerar uma reflexão sobre os impactos positivos da mediação de conflitos e a necessidade de políticas que a implementem em todas as Coordenações de Ensino do DF. Finalizamos o texto, agradecendo a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram e ainda contribuem para que o projeto continue a acontecer. Especialmente, aos estudantes, professores, equipe diretiva, coordenadores, pais/responsáveis e demais servidores da Escola Classe 22 do Gama. ■

Referências

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.
- BELEZA, Flávia Tavares; CARNEIRO, Yasmin Gomes. Estudar em Paz: Uma Proposta de Educação para a Paz por meio da Mediação Social. **Revista Interações**, 2015.
- BELEZA, Flávia Tavares; CARNEIRO, Yasmin Gomes. Estudar em paz: mediação de conflitos no contexto escolar. **Revista Participação**, 20, 52-59. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2011.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DUPRET, L. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. **Psicologia Escolar e Educacional**. Vol 6. Nº1. Campinas, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/qN7SbH7nMvtndmg7qvtc-JLL/?lang=pt>>. Acesso em 11.08.2022.
- LEDERACH, John Paul. **Transformações de conflitos**. São Paulo: Palas Athenas, 2012.
- NUNES, Antônio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo, Contexto, 2011.
- MORGADO, C.Oliveira,I. **Mediação em contexto escolar**: transformar o conflito em oportunidade. Exedra – La Rioja, nº 1, p.43-56, 2009.
- MUSZKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2008.